

CRÍTICA BIBLIOGRÁFICA

A PROPÓSITO DA EDIÇÃO DO LIVRO DE ZACHARIAS WAGENER, "ZOOBIBLION: LIVRO DE ANIMAIS DO BRASIL".

Edgard de Cerqueira Falcão é um incansável pesquisador e estudioso da nossa história, sobretudo artística, já tendo publicado vários ensaios preciosos, entre os quais se destacam, a partir de 1940 — **Relíquias da Bahia** (introdução de Rubens do Amaral), **Roteiro de Paulo Afonso** (ocupa-se das igrejas e conventos coloniais de Penedo), **Fortes Tradicionais da Cidade do Salvador**, **Encantos Tradicionais da Bahia, Rio de Janeiro (Terras e Águas de Guanabara)** e **Relíquias da Terra do Ouro**; tôdas essas obras fazem parte da coleção "Brasil Pitoresco, Tradicional e Artístico".

Há anos passados, Edgard de Cerqueira Falcão obteve os manuscritos de Alfredo de Carvalho, que se achavam em poder de Pirajá da Silva; os manuscritos tinham sido entregues a êsse cientista por Sílvio Cravo, que, por sua vez, os recebera de Eduardo Tavares. Como se sabe, Eduardo Tavares fôra encarregado, por ato do Governador Estácio Coimbra, de "coligir e publicar em livros os trabalhos inéditos ou dispersos" de Alfredo de Carvalho, o que fêz o antigo Diretor da Biblioteca Pública de Pernambuco com a publicação de **Aventuras e Aventureiros no Brasil** (Rio de Janeiro, 1929) e da **Biblioteca Exótico-Brasileira** [letras A a M, Rio de Janeiro, 1929 (I vol.) e 1930 (II e III vols.)], esta última infelizmente interrompida em virtude do falecimento, em 1930, do seu organizador. Despertaram logo a atenção de Edgard de Cerqueira Falcão dois dos "cimélios" — a "Relação da Conquista e Perda da Cidade da Bahia pelos Holandeses em 1624-1625" (de Johann Gregor Aldenburgk) e "As obras de Marcgrave e Piso sôbre a História Natural do Brasil, comentadas à luz dos desenhos originais novamente achados" (de Martin Heinrich Karl Lichtenstein). Ambos estavam incompletos e graças à cola-

(*) — Zacharias Wagener, — *Zoobiblion; Livro de Animais do Brasil*, vol. IV da coleção "Brasiliensia Documenta", Moderatore et Auctore Edgard de Cerqueira Falcão; composta e impressa nas oficinas da Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais", São Paulo, 1964, il., 436 pp.

boração de Olivério Pinto (eminente zoólogo), de Dom Clemente Maria da Silva-Nigra (monge beneditino) e de Agrippino Martins (erudito baiano residente em São Paulo), iniciou Edgard de Cerqueira Falcão a coleção “*Brasiliensia Documenta*”, agora no quarto volume (o terceiro é da autoria do próprio Edgard de Cerqueira Falcão — “A Basílica do Senhor Bom Jesus de Congonhas do Campo”). Convém observar que a “*Relação*” de Aldenburgk foi retraduzida através da edição original de 1627, cedida pelo historiador Yan de Almeida Prado.

Em 1961, o professor Enrico Schäffer recebeu do Gabinete de Gravuras de Cobre (*Kupferstich-Kabinett*) de Dresden, Alemanha, permissão para publicar o livro inédito de Zacharias Wagener, elaborado entre 1634 e 1641, durante a permanência no Brasil dêsse curioso *globe-troter*; tinha o mesmo o título de *Thier Buch Darinnen viel unterschiedene Arter des Fische vögel*, etc., isso é, *Livro de Animais no qual se contém muitas espécies de peixes, pássaros [...] que se encontram e observam na Terra do Brasil*. O Gabinete também forneceu àquêle professor cópia de uma informação, impressa em 1888, a respeito das viagens e funções exercidas pelo autor do *Thier Buch* a serviço, durante trinta e cinco anos, das Companhias Holandesas das Índias Orientais e Ocidentais; informações biográficas escritas pelo próprio Z. W., que veio a ser, como acentua Paul Emil Richter, soldado, escriturário, desenhista, secretário particular, secretário-geral, Governador da Colônia do Cabo da Boa Esperança, embaixador e vice-almirante. No Brasil, Z. W. fôra escrevente ou escriturário (*Muster Schreiber*) da Companhia comandada, no Forte Ernesto, pelo major Bajarts, passando, depois, a secretário particular, “reposteiro” ou “mordomo do paço” (*Küchen Schreiber*) do Conde João Maurício de Nassau; Z. W., na realidade, havia sido chamado a participar da administração do futuro Príncipe por causa de suas qualidades de escrivão e de desenhista, embora, na verdade, não fizesse êle parte dos “seis pintores” agregados à comitiva nassoviana.

Z. W., a exemplo de Elias Herckmans, mostrou-se um terrível andarilho, pois visitou parte da Europa Ocidental e esteve no Brasil (Recife, Salvador, Pôrto Calvo, Cabo de Santo Agostinho, Serinhaem, Paraíba), na ilha de Wight (Inglaterra), em São Vicente (arquipélago do Cabo Verde), na Batávia em Java, onde casou com Maria, “virtuosa dama”, viúva de Aux Brebis), em Sumatra, em Tonkim, na ilha Formosa, em Cantão e outros lugares da China, no Japão, em Célebes, no

Cabo da Boa Esperança e em Bornéu. O autor do **Zoobiblion** faleceu em Amsterdão, na idade de 54 anos, — um “velho” para a média de vida do seu tempo, — após vertiginosa carreira, sem jamais deixar de conciliar o temperamento simplório do burguês à inquietude ardente do aventureiro (quando a “querida” Maria morreu, no Cabo, mandou Z. W. erigir uma capela destinada a dar-lhe o eterno e merecido descanso).

O volume IV da coleção “**Brasiliensia Documenta**” é a primeira edição integral da obra de Z. W., tendo sido escolhido o título que lhe dera Alfredo de Carvalho; os comentários zoológicos, botânicos e etnográficos couberam, respectivamente, a Olivério Pinto, D. Bento José Pickel e Egon Schaden. Olivério Pinto, servindo-se, em parte, de Alfredo de Carvalho, igualmente auxiliou a tradução; as versões em alemão confiaram-se a Helmut Andrä, Margarete Speer, Albrecht Tabor e Theodor Heuberger. A edição traz comentários do professor Enrico Schäffer (que se refere ainda ao auxílio prestado à edição por D. Leonette Galvão e Gerd Hauswald) e, apensa, a autobiografia de Z. W. Não há referência ao estudo de Otto Glazer, **Prinz Johann Moritz von Nassau-Siegen** [...], Berlim, 1938, que contém reproduções dos desenhos de Z. W. (ver os comentários de Herbert Baldus, publicados na **Revista do Arquivo Municipal**, LXI, São Paulo, 1939), nem às informações de A. J. van der Aa (**Biographisch Woordenboek der Nederland**, Haarlem, 1852-1878) e nem, ainda, às do **Dresdner Anzeiter** (ns. 302 e 306 de 1887), citados por Alfredo de Carvalho (“O Zoobiblion de Zacharias Wagner”, **Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco**, XI, Recife, 1904. Também não há referência aos trabalhos de A. Banzel (“Albert van Eeckhout”, 1914) e de Otto Quelle (**Zacharias Wagner und sein Brasilienwerk**, 1936 (trad. e pub. em **Arquivos**, Prefeitura Municipal do Recife, 1942). Cumpre notar que os desenhos de Z. W. — cento e dez, quase todos coloridos — foram, em alguns casos, agrupados em um só clichê, mas conservando-se a “numeração correspondente à seqüência do documento primitivo”.

As mais importantes ilustrações seiscentistas das nossas plantas e dos nossos animais encontram-se nas obras ou trabalhos: a) de frei Cristóvão de Lisboa (c. 1624-1627), cujo valor, segundo Robert C. Smith (“O códice de frei Cristóvão de Lisboa”, **Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, vol. V, Rio de Janeiro, 1941) está mais nos desenhos do que nas descrições, “incompletas e reduzidas”). b) de Zacharias Wagener, elaboradas, como se disse, entre 1634

e 1641; c) de Albert Eckhout (feitas entre 1637 e 1644); d) de Gaspar Barlaeus, 1a. ed. de 1647 (os desenhos de Frans Post, sobretudo); e) de G. Piso (Willem Pies) e Georg Markgraf (ou Margrave), 1648; f) do **Theatri Rerum Naturalium Brasiliae**, ordenado, de 1661 a 1664, por Christianus Mentzel; g) e do livro **Gedenkweerdige Brasiliense Zee-en Lant-Reize**, de Johan Nieuwhofs (1682, que foram adulteradas ou modificadas).

Acredita Thomas Thomsen, em seu excelente ensaio (**Albert Eckhout, ein Niederländischer Maler** [...], Copenhagen, 1938), que Z. W. reproduziu em aquarelas os desenhos de Albert Eckhout. Z. W. é, realmente, do ponto de vista artístico, inferior a Albert Eckhout (reconhece Baldus o talento de Eckhout); mas se o “reposteiro” aproveitou, talvez, alguns dos esboços de Albert Eckhout, nem sempre isso teria ocorrido. Com razão salienta Edgard de Cerqueira Falcão a probidade de Z. W. ao descrever, por exemplo, o **siri** (que ficou incompleto por ter êle atirado fora o animal, já exalando mau cheiro) ou a **carapaça de um cágado** (que nunca pôde desenhar por inteiro à falta do modelo completo). “Tão sinceras e honestas confissões levam-me (diz Edgard de Cerqueira Falcão) a discordar dos juízos emitidos por Schäffer e Schaden, quando vêem na semelhança absoluta dos desenhos de certos tipos etnográficos”, representados, à igual época, por Wagener e Eckhout, “possíveis plágios do primeiro em relação ao segundo”, — acompanhando ambos, Schäffer e Schaden, nesse particular, a tese de Thomas Thomsen. E, assim, inclina-se a seguir a opinião de Curt Nimuendajú, que, — ao notar maior exatidão nos desenhos de Z. W. (a maneira, v. g., de os tapuias conduzirem as flechas “voltadas para baixo e para diante” e não “voltadas para cima e para trás”) — “declarou estar convencido de que Wagener, ao executar as suas aquarelas, teve diante de si o modelo original”.

Z. W. divulgou a crença de que as lagartixas gostavam de viver nas casas das mulheres, estranho fato já observado pelos “velhos portugueses”. O animal, se a mulher dá à luz, aconchega-se na cama ou sob o corpo da parturiente e procura “sugar-lhe o sangue”; quando o intento é logrado, a pobre vê-se condenada à morte. Piso e Markgraf registram outra crença: a de que o lagarto **americima** (fam. **Teiidae**), — aliás não venenoso, como ensina Paulo Sawaya, — quando toca em qualquer mulher, mesmo nas vestes dela, torna-a infecunda. Tribos das regiões da Califórnia acreditam que a morte teria sido “introduzida” na espécie humana pelo lagarto (**lizard**); cf.

A. L. Kroeber ("Indian Myths of South Central California", **University of California Publications in American Archeology**, IV, 4, Berkeley, 1906-1907) e Robert Briffault (**The Mothers** [...], II, George Allen & Unwin Ltd., Londres, 1952). Superstição semelhante existe entre os basuto da África (E. Jacottet, **The Treasury of Ba-suto Lore**, I, Moriho, Londres, 1908). Robert Briffault, citando Eugène Rolland (**Faune populaire de la France**, 6 vols., Paris, 1877-1883), acrescenta que, ao norte da França, as mulheres temiam ser assaltadas pelos lagartos: "The same belief is held by the peasants of Portugal, and women, more especially when they are menstruating, are particularly careful not to go out the fields without being protected by drawers" (o. c., II). Um dos mitos mais difundidos é o de que o lagarto, — o lagarto de nome **karom**, de pescoço comprido, comum no Estreito de Tórres e na costa da Nova Guiné, — realizou o papel atribuído aos heróis-civilizadores, pois teria sido graças ao mesmo que outros animais e algumas populações dessa região obtiveram o fogo (J. G. Frazer, **Mythes sur l'origine du feu**, trad., Paris, 1931).

Os desenhos mais interessantes do **Zoobiblion** são os referentes às populações do Nordeste (indígenas, negros, mestiços), a uma aldeia tupi, aos engenhos e a aspectos da cidade do Recife (o Mercado de Escravos, a morada do Conde de Nassau).

O casal "brasiliense" retrata dois tipos do grupo tupi, bastante aculturados ou "integrados"; nos respectivos comentários, Egon Schaden esqueceu-se de mencionar o bigode e a pêra do homem (a epilação era a regra em todas as tribos indígenas do Brasil e a exceção, encontrada entre os guarayuitatin (Orbigny) e os mawé (Spix & Martius), deve ter procedência européia, acredita-o Métraux (**La civilisation matérielle des tribus tupi-guarani**, Paris, 1928). Outra observação que escapou a Egon Schaden é a maneira de transportar a criança (não se usava mais a charpa ou tipóia, que se vê nas gravuras mais antigas, as de Staden ou de Thevet). Também não me parece exato que a mulher "brasiliense" não estaria usando tranças; a descrição de Z. W. não deixa dúvidas (os cabelos, cujas pontas aparecem claramente no quadro de Eckhout, estão enrolados em uma fita). Os dois outros indígenas retratados por Z. W. são batizados pelo nome de **tapuya** — a grafia usada por Fernão Cardim. Pelo nome de **tapuya** (**tapuza** em Azpicuelta Navarro, **tapuhia** em frei V. do Salvador, **tapyra** em Luís Figueira, **tapuyo** em D. Brinton, **tapuhy** em Varnhagen) foram, outrora, designadas tribos das mais diver-

sas, quer do ponto de vista lingüístico, quer do ponto de vista cultural; os gê, em regra, incluíam-se nesse etnônimo, notando Robert Lowie ("The Tapuya", **Hand. of South Amerc. Ind.**, I, Washington, 1946) que o termo equivalia ao **Digger Indian** empregado pelos antropólogos norte-americanos e que não havia razão para considerar tais índios, sob quaisquer aspectos, como unidade autônoma. Os tapuias nordestinos poderiam, talvez, pertencer ao grupo maior do tarairiú, — essa foi a conclusão de Paul Ehrenreich, — descritos por Herckmans, Markgraf, etc., os quais usavam a **prancheta de lançar**, igualmente chamada de **manjedoura (kripgen** em Z. W.); as mulheres tinham também uma característica, o célebre tufo ou avental de fôlhas, — **cache-sexe** "que Eva havia desdenhado", diz humoristicamente o autor do **Zoobiblion**. A classificação de Sheldon enquadraria êsses dois tapuias nos somatótipos em que sobressaem os componentes ora endomórficos, ora mesomórficos; no endomorfismo, o tronco é longo e fortemente musculoso, mas o tórax predomina em relação ao abdome.

Não ocorreu a Egon Schaden comentar a estampa n. 101, — a **aldeia dos brasilienses** (no caso, os tupi), formada por duas filas de casas, construídas, ao que parece, de taipa, sendo o telhado de palha e em duas águas. A aldeia, que ostenta o seu modesto cruzeiro e sua igreja, no centro, de campanário descoberto, — certamente devia ser uma das **reduções** ou **missões** jesuíticas. A estampa em questão torna-se de muita importância porque sugere que essas casas talvez servissem de modelo para a construção dos mocambos ou habitações populares do Nordeste. Nas aldeias missionárias mais antigas, como a dos Reis Magos (vj. Serafim Leite, **História da Companhia de Jesus**, I, Lisboa e Rio de Janeiro, 1938), as casas ainda conservam a técnica primitiva dos tupi — a do teto abaulado, de palha, quase sempre uma continuação das paredes laterais (as estampas de Thevet, nesse particular, não merecem confiança, observação feita, em primeira mão, por Baldus e o êrro avulta sobretudo quanto à da p. 201 da ed. de Gaffarel, Paris, 1878). Os mocambos, quase idênticos aos da estampa de Eckhout, — paredes de taipa, teto de palha, duas águas caindo para os lados, ao longo do retângulo da planta, — vêem-se nitidamente em um quadro de Frans Post, a óleo, 1648, existente no Palácio Guanabara, Rio de Janeiro (é o n. 5 da **Exposição Frans Post**, publicação do Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, 1942).

A “taipa de mão”, da qual nos fala Fernão Cardim, encontrada entre certas tribos mais distanciadas da região nordestina do Brasil, deve ser um elemento alienígena. É sabido (diz L. de Castro Faria, citando Ankermann e Klose) “que a cabanada quadrangular constitui uma característica do círculo de cultura da África Ocidental, mas essa afirmação exige uma série de esclarecimentos, sem os quais seria impossível apreciar com justiça o seu verdadeiro significado”. Antes de tudo, faz-se preciso excluir tôdas as “formas resultantes de processos aculturativos recentes”. “Na Guiné superior (acrescenta, “Origens culturais da habitação popular do Brasil”, **Boletim do Museu Nacional**, 1951) parece que predominam as construções quadrangulares”; alguns autores, não obstante, “baseados no fato de ser a forma redonda muito comum entre as tribos cuja cultura material foi menos atingida, atribuem à influência européia o emprêgo dêsse estilo. Assim, os ewe constróem casas quadrangulares [...] do tipo comum em tôda a região costeira de domínio europeu, embora no Togo central e setentrional a cabana redonda de cobertura cônica represente a feição roiginal”. Os elementos básicos ou estruturais formadores dos mocambos seriam, pois, de origem portuguesa. A taipa, — “taipa de mão, taipa de pilão, taipa francesa, taipais”, — informa Afonso Arinos de Melo Franco (**Desenvolvimento da civilização material do Brasil**, publicação n. 11 do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 1944), — são palavras encontradas, a cada passo, nas velhas crônicas lusas. E, não sendo fácil fixar as influências predominantes nas habitações populares do Brasil, principalmente as do Nordeste, crê o referido escritor que o problema ficou situado em uma espécie de “terreno de ninguém”.

Isso não quer dizer, porém, que o mocambo, — palavra de origem africana significando **abrigo** ou **refúgio**, — não empregue, por motivos ecológicos, técnicas ou materiais usados entre os negros e os indígenas. Tal possibilidade já foi sugerida por Gilberto Freyre em seu ensaio **Mocambos do Nordeste** (Rio de Janeiro, 1937), hoje obra rara e, mais do que rara, preciosa; não esqueçamos que Gilberto Freyre chegou a encontrar, para o mocambo, quatro zonas ecológicamente distintas, — a das palhas de coqueiro, a da carnaúba, a do buriti e a da barguida.

O historiador Edgard de Cerqueira Falcão, em conferência pronunciada no Curso de Arte Colonial Brasileira, promovido pela Comissão Municipal de Cultura, de Santos (cf. **Re-**

vista de *História*, XXVIII, n. 57, São Paulo, 1964), admirou-se por não ter encontrado, nos desenhos de Wagener, a manga, fruta notória em Pernambuco por suas qualidades; mas informou o agrônomo Armando Martins Clemente que a introdução da mangueira, no Brasil, é posterior ao tempo das invasões flamengas.

ESTÉVÃO PINTO
da Universidade do Recife